

# humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLUME II



COIMBRA  
MCMXLVIII-MCMXLIX

## Uma construção de Sulpício Severo

Nos *Chronica* de Sulpício Severo, 1, 13, lê-se o seguinte período: "«Qua tempestate filia Pharaonis infantem in flumine repertum nutriendum pro filio curavit: nomen puero Moyses dedit.» Há aqui, como se vê, uma construção insólita da expressão *nomen dare*, porquanto, em vez de um genitivo de *Moyses*, com valor *definitivo*, ou de um acusativo da mesma palavra, em função apositiva, construções que os moldes clássicos fariam esperar, aparece a própria forma *Moyses*, sem declinação, como aposto de *nomen*. E não se conhece motivo para se não considerar original essa forma, que, de acordo com o manuscrito tradicional dos *Chronica*, o n.º 824 da Vaticana (século xi), tem sido geralmente admitida pelas edições desta obra, desde a edição príncipe de Flácio Ilírico (Basileia, 1556) até à do italiano Jerónimo do Prado (Verona, 1754)(1) ou à do francês André Lavertujon (Paris, 1896-1899) (2), desde a edição de Giselino (Antuérpia, 1574) até à incorporada na *Patrologia Latina* de Migne (t. xx, 1844) ou à que figura no *Corpus scriptorum ecclesiasticorum Latinorum* de Viena (t. i, 1866) e que passa por ser, graças à crítica do texto efectuada por Carlos Halm, a de mais completa autoridade.

Como explicar a construção *nomen puer o Moyses dedit* ? Num aditamento à sua edição de Sulpício (*Sulpicii Severi Chronica*

(1) Jerónimo do Prado editou os escritos de Sulpício (*Sulpicii Severi Opera*) em dois tomos. O «tomus primus», em que se contem escritos vários, data de 1741 ; mas o «tomus secundus», em que se contêm os *Chronica*, é treze anos posterior.

(2) *La Chronique de Sulpice Sévère — Texte critique, traduction et commentaire* (um tomo, de 1896, abrange o livro i, outro, de 1899, o livro 11). Não há referencia a esta edição na *Bibliographie de la littérature latine* de N. I. Herescu.

— *Com Anotações para Uso das Escolas*, Porto, 1881), e como nota a essa construção, diz Epifânio Dias que o autor, em lugar de recorrer a outras construções de uso ordinário, «põe *Moyses*, absolutamente, em nominativo»; e acrescenta que «outro tanto fez Eutropio em um lugar», querendo referir-se (cf. a 6.<sup>a</sup> ed. do seu *Eutropius*, Porto, 1889, p. 60) a um passo do *Breviário da História Romana*, iv, 4, na suposição de que aí se deva ler *Asiagenus* por *Asiagenis* (gen.): «Nomen et ipse [=L. Cornelius Scipio] ad imitationem fratris Asiagenus accepit, quia Asiam uicerat [..].» Mas a explicação do sábio latinista parece-me insuficiente, além de que é descabida, como se verá, a comparação com Eutrópio.

Salvo melhor opinião, não basta dizer que no citado passo de Sulpício há um emprego absoluto do nom. *Moyses*. Dizer apenas isto, demais invocando o suposto *Asiagenus* eutropiano, fará supor que qualquer nome próprio, independentemente da sua natureza, poderia estar sujeito a construção análoga. Importa referir também, segundo toda a evidência, que tal emprego absoluto, tal uso de *Moyses* como forma genérica, pela qual se prescinde da flexão, deve ter sido facilitado pelo carácter *sui generis* da palavra, isto é, por sua típica feição de hebraísmo, tenha ou não havido aí influência bíblica directa, quer dizer — reminiscência do correspondente lugar da Vulgata (*Exodo*, II, 10), «Quem illa [= filia Pharaonis] adoptavit in locum filii, uocavitque nomen eius Moyses [•••]»(1). Sendo em latim invariáveis, uniformes, tantos nomes próprios de origem hebraica, e sendo-o precisamente no uso sulpiciano (2), esta

(1) *Moyses* em inúmeras edições; *Moses*, todavia, na edição incluída no t. XXVIII da *Patrologia Latina* de Migne (t. ix dos *Opera omnia* de S. Jerónimo).

No grego dos Setenta não se lê Μουσης, em paralelo com *Moyses*, mas o acus. Μουσην : ἐπωνομασε δε το ονομα αυτου Μουσην [..] (na versão latina que acompanha a edição de J. N. Jager, «cognominavit autem nomen ejus Moysem [..]»). A construção ἐπωνομασε το ονομα κτλ.. a que a Vulgata responde com *uocavit nomen* etc., é caracteristicamente hebraizante ; cf. F.-M. Abel, *Grammaire du grec biblique*, § 42, b).

(2) Em Sulpício há também nomes próprios de origem hebraica (u. g., *Abraham*, *Saul*) que, segundo as práticas correntes na época, umas vezes aparecem indeclinados e outras não. Caso curioso o do antropó-

particularidade tornava natural que um ou outro nome declinável dessa origem, mormente se daí não resultasse inconveniente frásico, pudesse alhear-se da flexão. E assim *Moyses*, com suficiente clareza dentro de uma construção denominativa, pôde resistir à variação casual, a despeito de, logo a seguir, aparecer com valor expressamente nominativo («*Moyses hic, cum uiriles annos ageret, conspicatur Hebraeum ab Aegyptio pulsari [...]*») e de, daí por diante, se flexionar bem amiúde: dat. *Morsi*, acus. *Moysen*, abi. *Moysen*, gen. *Moysi* (nunca *Moysis*).

O que se dá com *Moyses* em 1, 13, é afinal, devo dizê-lo, o que se dá com a forma *Daniel* em 11, 6: «regina regem admonet, esse quendam Hebraeum Daniel nomine, qui olim Nabuchodonosor occulti mysterii somnium reuelasset [...],» Pelo molde clássico, esperar-se-ia o acus. *Danielem* (ou *Danielum*, correspondente ao nom. *Danielus*), em concordância com o acus, pronominal *quendam*; mas a forma *Daniel*, tipicamente representativa de um nome de origem hebraica, pôde bem dispensar, numa construção denominativa do tipo *Claudius nomine* (i), a flexão pedida pela sintaxe ordinária, contrapondo-se deste modo às flexões noutros lugares empregadas, u. g., gen. *Danielis* e dat. *Danielo* em 11, 1, acus. *Danielum* em 11, 6, abl. *Danielo* em 11, 8, abl. *Daniele* em 11, 11 (2).

nimo *Aman*, empregado seis vezes sob esta forma em 11, 13, sendo quatro em função nominativa e duas em função acusativa, mas que nesse mesmo capítulo se declina uma vez, no gen. *Amanis*. Afigura-se-me que neste caso a flexão só se deu por motivo de clareza, porque, com a forma *Aman* em vez de *Amanis*, haveria certa ambiguidade numa construção de *flagito* («*Tum Esther arrepto tempore Amanis mortem flagitat in ultionem gentis, quam perditam cupierat.*»).

(1) Cf., p. ex., *eunuchus nomine Pothinus* em César, *De bello ciuili*, m, 108, i, e *mulier, Lamia nomine*, em Cícero, *Actio in C. Verrem secunda*, lv, 5g (citações de Gaffiot, s. u. *nomen*). Este tipo de construção denominativa tem abundante representação no texto dos *Chronica*; assim: a) com formas onomásticas de origem hebraica: além de *Daniel nomine*, *Chus nomine*, i, 4; *Cethuram nomine*, i, 7; *nomen lericho*, 1, 22; *Gabaath nomine*, 1, 23; *labin nomine*, 1, 24; *Gedeon quidam nomine*, 1, 25; *Melchol nomine*, 1, 34; *Arphax ad nomine*, 11, 15; b) com outras formas onomásticas: *cognomine Caliniens*, ii, 19; *nomine Alexander*, ii, 24.

(2) Na edição incorporada na *Patrologia* de Migne. em vez do acus. *Danielum*, do dat. *Danielo* e do abl. *Danielo*, leem-se, respectivamente,

E a propósito ocorre-me notar que, se outro tanto se não deu em 1, 7, «Post id Abraham accepit uxorem Cethuram nomine [...]», onde se lê *Cethuram* e não *Cethura*, e' porque esta palavra, sem fisionomia propriamente hebraica, antes com seu quê de aparência latina ou greco-latina, se mostrava por isto mesmo propendente à flexão; nem faria sentido a invariabilidade em um nome feminino de tema em *a-*, nome que, com este tema, ingressava no mais característico e numeroso contingente feminino do onomástico romano.

Encontro ainda em Sulpicio dois períodos que fazem lembrar a construção *nomen puero Moyses dedit*, a saber: «Nomen infantibus Fares et Zara inditum.», i, 11 ; ((Ita mulier enixa puerum Samson nomen ei indidit.», 1, 27. Nem um nem outro, porém, são de comparar com aquela construção, porque os nomes *Fares* e *Zara*, do primeiro, estão com propriedade em função nominativa e porque o nome *Samson*, do segundo, embora declinável noutros escritores, é sempre invariável no autor dos *Chronica* (cf. i, 28 e 29) (1). Basta, no entanto, o emprego de *Daniel* em 11, 6, para ajudar a compreender o caso análogo de *Moyes* em 1, 13.

Resta-me dizer que a comparação de Sulpicio com Eutrópio, a propósito do emprego absoluto de *Moyes*, não tem efectivamente razão de ser, pois a lição *Asiagenus*, do citado passo do *Breviário da História Romana*, é insubsistente. Epifânio Dias adoptou-a nas suas edições dessa obra, influenciado pela edição crítica de Guilherme Hartel (1872), e até já a preferia ao editar Sulpicio; mas a verdade é que ela se funda apenas numa das *manus* do chamado *codex Gothanus* (século ix), ao passo que a lição *Asiagenis*, gen. de *Asiagenes*, resulta da concordância de vários códices, pelo que a preferem todas as demais edições de especial autoridade, entre elas as de Droysen e Ruehl(2). Além disso, é o próprio uso eutropiano que reclama

*Danielen!*, *Danielj* e *Daniele*. Estas variantes provêm da edição setecentista de Jerónimo do Prado.

(1) Gomo também na Vulgata. Cf. *Juizes*, xm, 24 («Peperit itaque filium, et uocauit nomen eius Samson.»), e igualmente xiv, xv e xvi.

(2) Alguns editores, como G. H. Weise, adoptam a lição *Asiagenis*, mas põem *Asiatici* entre parênteses. Outros, como M. Rat 11a edição da

*Asiagenis* em iv, 4—«Nomen et ipse ad imitationem fratris Asiagenis accepit, quia Asiam uicerat [...]»—, dado que as expressões do tipo *nomen dare* ou *nomen accipere* que se encontram no *Breviário* levam sempre um genitivo em dependência de *nomen*. Já o notou o alemão Rühl, embora sem dar exemplos, na sua edição crítica de 1887 (1), e posso comprová-lo por mim próprio, citando lugares como os seguintes : «[T. Manlius] in perpetuum Torquati et sibi et posteris cognomen accepit.», 11, 5; «Reuertens [P. Seruilius] triumphum accepit et nomen Isaurici meruit.», vi, 3; «filio autem suo Britannici nomen [Claudius] inposuit.», vn, 13; «sed Bassiano Antonini nomen a senatu [Seuerus] uoluit inponi.», vm, 19.

Mafra, Abril de 1949.

REBELO GONÇALVES

coleção «Garnier» (onde o capítulo 4.<sup>o</sup> do livro iv aparece como 2.<sup>o</sup>), até só escrevem *Asiatici*. De notar que certo manuscrito do *Breviário*, um *codex Burdigalensis*, a fazermos fê por uma informação de Elias Vineto, apresentava a variante *Asiaticus*; e esta mesma reaparece no *codex Lugdunensis 4*, segundo o testemunho de Sigeberto Havercampo, Henrique Verheyk e outros (os *Lugdunenses 1, 3 e 5* dão *Asiagenis* e o *Lugdunensis 2 Asia genum*).

(i) «Eutropi usus genetivum postulat» (p. xm).